

TRAGÉDIA SILENCIOSA



DIVULGAÇÃO



Ajuda. Irauçuba, no Ceará, teve apoio da União Europeia

— O problema é que os solos estão sendo compactados — diz Afrânio Righes, ex-chefe do Centro Regional Sul de Pesquisas Espaciais, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e professor de engenharia ambiental do Centro Universitário Franciscano (Unifra), em Santa Maria (RS). — O solo já não age como uma esponja, absorvendo a chuva. Com o plantio direto, sem aragem da terra, e o uso de grandes máquinas na lavoura, a água não infiltra, escorre sobre a superfície e se perde. Os impactos da estiagem aumentam, porque há pouca água acumulada na terra. Por isso, é preciso cavar sulcos na terra, a cada 10 metros, para forçar a infiltração. Como não existe máquina adequada para isso, os agricultores não o fazem.

Em Minas, vegetação e terra sofrem com queimadas frequentes, destruição de matas que protegem nascentes, assoreamento de rios e até irrigação, que capta água em excesso, comprometendo cursos d'água e causando salinização do solo.

No Rio Grande do Sul, a ânsia de unir criação de gado e plantio de soja, em busca de lu-

ros maiores, saturou o solo na região de Alegrete, resultando na arenização. Sobrou o “deserto de São João”.

— O solo não era propício para a soja e a camada orgânica se foi em pouco tempo — explica Righes. — Ficou areia pura e, com o vento, ela não parava de avançar.

A solução encontrada pelos gaúchos para barrar o deserto surgido nos pampas foi plantar eucalipto no entorno da área, criando uma cortina de contenção dos ventos.

— A mudança climática tem peso importante nos processos de desertificação — afirma Manuel Otero, representante do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). — Mudou a sequência e intensidade das chuvas. Há menos água disponível. E mais degradação ambiental significa mais pobreza.

Para Otero, a boa notícia é que o ciclo vicioso pode ser quebrado. Com apoio da União Europeia, o instituto levou para o município de Irauçuba técnicas e ações para impedir que a desertificação se alastre. O coordenador de Recursos Naturais e Adaptação às Mu-

danças Climáticas do IICA, Gertjan Beekman, afirma que técnicas simples, como barramento da água, já deram resultado no município de Canindé.

— Nascentes que estavam secas oito anos atrás ressurgiram — comemora Beekman. — Isso mostra que é possível reverter esse processo.

Na Argentina, 70% a 80% da superfície do país são vulneráveis à desertificação, principalmente ao Norte. No Brasil, toda a região do semiárido é considerada área suscetível. Segundo Perez, do Insa, não existe um único modelo ou indicador padronizado para determinar a extensão das terras em processo de desertificação no país.

— Não há no Brasil monitoramento sistêmico, apenas estudos pontuais — diz o pesquisador. — A sensibilização não é algo imediato. É preciso estimular as pessoas a olharem com outro olhar e reconstruir a memória intergeracional. A própria sede da Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos das Secas fica na Alemanha, onde não há o problema.